

figurado português

de santos e diabos está o mundo cheio

Isabel Maria Fernandes
Angélica Lima Cruz
Antonino Jorge
Alberto Tapada
Inácio Nuno Pignatelli
Alberto Correia
Maria Manuel Bringel
Rafael Salinas Calado
Rui de Sousa Martins
José Campinho

© ??

ALBERTO CORREIA
ALBERTO TAPADA
ANGÉLICA LIMA CRUZ
ANTONINO JORGE
INÁCIO NUNO PIGNATELLI
ISABEL MARIA FERNANDES
JOSÉ CAMPINHO
MARIA MANUEL BRINGEL
RAFAEL SALINAS CALADO
RUI DE SOUSA MARTINS

coordenação científica **ISABEL MARIA FERNANDES**

revisão ??

design gráfico **VERA VELEZ**

fotografia **JOSÉ CARLOS GARCIA**

Edição ??, Novembro 2005

ISBN ??

Agradecimento

A edição deste livro contou com a colaboração do Instituto do Emprego e Formação Profissional para a fotografia das peças.

Índice

- 7** Prefácio
Isabel Maria Fernandes
- 9** Rosa Ramalho: as minhas mãos são o nosso mundo
Isabel Maria Fernandes
- 25** Mistério que se traduz em Domingos, Virgínia, Manuel e Francisco
Isabel Maria Fernandes
- 35** Figurado de Galegos: a vida das formas e as formas de vida
Angélica Lima Cruz
- 83** Albano Pinto de Carvalho: um «escultor» de figurado em terra de oleiros
Antonino Jorge e Alberto Tapada
- 93** Bonecos de barro de Vila Nova de Gaia
Inácio Nuno Pignatelli
- 111** Figurado: as mãos de Homens: Ao jeito de Javé
Alberto Correia
- 115** Barristas de Viseu: uma revelação do mundo
Alberto Correia
- 135** Figurado de Mafra: uma visão do mundo
Maria Manuel Bringel
- 149** Josafaz: Joaquim Lourenço faz
Isabel Maria Fernandes
- 155** O figurado conhecido por «bonecos de Estremoz»
Rafael Salinas Calado
- 179** O figurado recente que surgiu no concelho de Odemira
Rafael Salinas Calado
- 183** Representações dos costumes populares na escultura cerâmica dos Açores
Rui de Sousa Martins
- 203** A recriação do mundo pela olaria madeirense
José Campinho
- 216** Notas
- 221** Bibliografia

MISTÉRIO QUE SE TRADUZ EM DOMINGOS, VIRGÍNIA, MANUEL E FRANCISCO

Isabel Maria Fernandes

A vida... | Domingos Gonçalves Lima nasceu em Galegos (S. Martinho), no concelho de Barcelos, a 29 de Agosto de 1921. Nasceu de mãe solteira, que por terras de Espanha andava a ganhar a vida e que à terra natal voltou para dar à luz o filho. Nascido o varão cedo esta volta a atravessar a fronteira, e de lá mandava o que podia para o mantimento do rapaz.

Não nasceu em berço de ouro, mas foi criado em casa da avó – Rosa Gonçalves Lima – onde o sustento «dava para o pãozinho e a sopa», no dizer de sua mulher Virgínia Coelho Esteves¹. Domingos era criança de corpo pequeno, magro e biqueiro no comer. Um vizinho costumava dizer «– Se sobreviveres rapaz, vai ser um grande mistério como tal sucedeu. Um verdadeiro mistério». E tanto Domingos ouvia tais palavras que cedo associa o seu nome a mistério. Um dia, na igreja, durante o terço, – era Domingos dez réis de gente que nem uma mão de anos levava –, ouve o padre declinar os Mistérios. Sempre que tal palavra ouvia – «*mistério*» – Domingos dizia à avó «– Sou eu. O Senhor Padre está a chamar por mim!»! Se com mistério se identificava, mistério seria!

Sempre o povo desta região foi afeito a denominar os seus por alcunhas, para mais facilmente os identificar. E, assim, desde moço pequeno que Domingos se transformou em Mistério. E Mistério havia de ser toda a vida, e Mistério são, com orgulho, seus filhos.

Nascido em terra de oleiros, natural foi que à arte dedicasse a vida. Sua avó, mulher afeita ao trabalho, repartia o ano entre duas tarefas principais – no Outono e Inverno, quando o frio arrefece o corpo, fazia camisolas e meias de lã que vendia para fora; na Primavera e Verão, fazia figurado que vendia na feira semanal de Barcelos, às 5.^{as} feiras. Fazia então o que o neto haveria de voltar a fazer muitos anos mais tarde – juntas, bozinhos, burrinhos, berços, ferro de engomar, gémeas, papagaios, cobrinhas, sardões, Marias Alices – que mais não era que uma menina, Maria Alice assim foi baptizada, sentada num burrinho, numa cadeira... Todas estas peças eram adornadas com um assobio e destinadas a ser compradas para gáudio das crianças que se divertiam com o motivo que a peça representava e com o barulho que a mesma produzia.



Mistério

Alminhas grandes, Galegos, Santa Maria, séc. XX, 2.^a metade, alt. 40,1 cm

Mistério

Marca





Mistério

Alminhas grandes (pormenores),
Galegos, Santa Maria,
séc. XX, 2ª metade, alt. 40,1 cm

O Sr. Domingos costumava sentar-se ao lado da avó a ajudá-la a fazer este figurado – punha as pernas, fazia o focinho dos animais, pintava as peças, enfim, ajudava no que podia e sabia. Ainda moço pequeno começa a fazer as suas próprias peças, na linha do que a avó fazia mas imprimindo-lhes o seu cunho pessoal. Conta a Sr.^a Virgínia que já nessa altura o Sr. Domingos fazia «diabitos» e «alminhas pequenas». Desde esses tempos primordiais que um senhor do Porto, do qual a Sr.^a Virgínia não se lembra o nome, ia à Feira de Barcelos, comprar figurado à Sr.^a Rosa e, já então apre-

ciava a obra do neto, o Mistério. Desde então e até quando a morte o levou, este senhor sempre foi um fiel comprador da obra do Sr. Domingos. Chegou a trabalhar «pelas casas a encher formas a dedo», mas cedo decide ir trabalhar nas feiras, andando por conta de um patrão. Chegava a andar pelas feiras «aos seis meses», sem vir a casa². Assim se manteve até à altura do casamento, com Virgínia Coelho Esteves, sua conterrânea, nascida a 24 de Abril de 1924³. O casamento deu-se a 4 de Março de 1944 e cedo os filhos começam a surgir, uma dúzia, foi conta certa. Em 3 de Dezembro desse mesmo

ano nasce a Maria Luísa (†), a que se segue, mais ou menos de dois em dois anos (pelo meio houve dois abortos), os outros onze filhos: Maria da Conceição, Maria de Fátima (†), Agostinho, Maria Irene, Deolinda, Maria Dolores, Manuel, Francisco, Lucília, Paula e Paulo.

Com o casamento decide Mistério ir vender nas feiras por conta própria. Vendia o que comprava nas fábricas de Barcelos e aquilo que a molde, ele e sua mulher iam fazendo. A Sr.^a Virgínia recorda algumas das peças que então tiravam à forma – ciganas, meninas de cesta, noivos, bustos – que depois coziavam e pintavam à mão. A vida dos que vendiam pelas feiras dividia-se em dois períodos ao longo de um ano: no Inverno, trabalhava-se em casa produzindo a loiça que se iria vender; chegado o Verão, andava-se pelas feiras do País a vender quer a loiça produzida em casa quer a comprada a outros fabricantes.

O Sr. Domingos costumava começar estas suas andanças pelo País, na região de Coimbra⁴. Ia à Figueira da Foz, onde fazia as *Festas de S. João da Figueira*⁵; a Coimbra, às *Feiras da Rainha Santa*⁶ e do *Espírito Santo*; a Ferreira-a-Nova (Figueira da Foz), às *Festas em honra de S. Tomé de Ferreira*⁷. Fazia também as feiras de Soure, Ansião, Belide, Pombal⁸ e Seíça e umas festas, «nas montanhas de Coimbra», conhecidas como *Festas da Senhora da Serra*. Da região centro partia para Setúbal, onde fazia a Feira de Santiago, aí se instalando em final de Julho. Desta seguia para: Montijo, *festas de N.^a*



*Senhora da Atalaia*⁹; Almada, *Procissão de Nossa Senhora da Piedade*¹⁰; Barreiro, *Festas de N.^a Sr.^a do Rosário*¹¹; Vila Franca, *Feira Anual*¹²; Santarém, Feira da Piedade¹³; Tomar, *Feira de Santa Iria*¹⁴; e terminava, no Cartaxo, na *Feira dos Santos*¹⁵. Esporadicamente chegou a fazer, em Barcelos, a *Festa das Cruzes*, e, no Porto e arredores, as *Festas da Senhora da Hora* e do *Senhor da Pedra*. Conta a Sr.^a Virgínia que num ano, venderam pouco na Festa das Cruzes e que, então, o Sr. Domingos decidiu ir vender o que sobrou na cidade do Porto, andando a pé pela cidade, com um cesto à cabeça, vendendo as peças pelas ruas.



O Sr. Domingos, muitas das vezes na companhia da Sr.^a Virgínia, andou neste calcorrear pelas feiras, cerca de catorze anos. Mas, os filhos foram vindo, foram crescendo, tinham de ir à Escola, e ele decide mudar o rumo das feiras e da mercadoria. Um dia, aí por volta de 1958, começa a produzir Presépios. Não eram ainda aqueles presépios que o deixaram famoso, mas bonecos de Presépio feitos a molde, à forma. Os bonecos de presépio faziam-nos em casa – tiravam os bonecos a molde, coziam e pintavam. Diz a Sr.^a Virgínia que «os presépios gastavam muita gente», era um trabalho minucioso e eles «presumiam» muito na perfeição dos bonecos e na sua pintura. Acrescenta a Sr.^a Virgínia «não é para me gabar na cara, mas os nossos presépios eram muito bem feitos e os preferidos pelos fregueses». A partir daí o Sr. Domingos começa a dedicar-se só à venda de Presépios. «Arrumou as feiras», conta a Sr.^a Virgínia e passa a dedicar-se a fazer e a vender presépios. Vendia-os em Torres Novas, para onde se deslocava em final de Novembro, início de Dezembro e de onde regressava cerca de duas semanas antes do Natal. Aí, em Torres Novas, costumava fazer a feira semanal, às segundas-feiras, e daí partia para outras feiras existentes nos arredores daquela cidade. Regressado a Barcelos, ia então fazer o Mercado de Braga, ainda antes do Natal, ao qual também ia vender os bonecos de Presépio¹⁶. E assim foram passando os anos.

Mistério

Pombal, Galegos, Santa Maria, séc. XX, 2ª metade, alt. 50 cm

Gastos que foram muitos e largos anos na feitura de loiça a molde e na venda de fabrico próprio e alheio pelas feiras do País, começa o Sr. Domingos a entremear as peças a molde pelas peças por si modeladas. Corriam então os últimos anos da década de sessenta do século XX. A sua conterrânea, a Rosa Ramalha, começa a ser conhecida, a ser notícia de jornal, e os ventos passam a correr de feição para todos os que trabalham no figurado.

O figurado feito à mão, por modelação, passa a ser valorizado, a ter mercado. Deixa de ser um brinquedo de criança, feito a molde e vendido pelas feiras, para passar a ser um artigo cobiçado e apreciado pelas elites urbanas, que nele buscam a certeza da peça única, da originalidade e graça popular. Este figurado, se bem que nos primeiros tempos apareça ainda à venda nas feiras e ruas do País – Porto, Matosinhos, Barcelos – começa a ser preferencialmente vendido na casa de cada bonecreiro, a clientes certos e aos que iam aparecendo. Por outro lado, deixa de ser (como o eram os bonecos feitos a molde) uma obra sem assinatura, para passar a ter apostado o nome do artista, o qual apesar de as assinar era, a mais das vezes, analfabeto.

Grande mudança foi esta! Não há memória que antes destes anos sessenta do século XX, alguém valorizasse a peça modelada. Pelo contrário, o que se vendia, o que dava dinheiro eram as peças feitas a molde – os bonecos de Presépio,

o Galo de Barcelos (que nos anos 40 do século XX tinha aumentado muito de tamanho e ganhou fama, mas que continuava apesar de tudo a ser feito a molde), e tantas outras peças de qualidade e gosto que ainda hoje consideramos medíocres – as ciganas, as meninas de cesta, os meninos a ler, os cães a abanar a cabeça, os gatos, as raposas, os bustos.

O certo é que alguns destes bonecreiros, deixam de fazer peças a molde para passarem a dedicar o seu tempo à criação de peças originais – modeladas à mão, criativas, de temática variada e assinadas e vendidas nas nascentes feiras de artesanato¹⁷ – na Feira de Artesanato do Estoril; no Mercado da Primavera, em Belém (Lisboa); no Mercado Ferreira Borges e no Palácio de Cristal, no Porto; nas Festas do Senhor de Matosinhos e na Feira de Artesanato de Vila do Conde¹⁸, e, como não podia deixar de ser, na Feira de Artesanato de Barcelos.

Domingos Gonçalves Lima foi um desses oleiros que deu o salto, que deixou de ser bonecreiro anónimo de peças a molde para passar a ser autor de obra própria, modelada e assinada¹⁹. Domingos Gonçalves Lima não sabia ler nem escrever, mas era homem sábio e aprendeu a escrever o seu nome nos papéis oficiais e nas peças, nelas assinando – MISTÉRIO. É verdade que as primeiras peças não eram assinadas, até ao dia em que um carimbo lhe é oferecido por um dos comerciantes de Viana que lhe compravam figurado. O carimbo tinha o seu





Mistério Filhos: Manuel

Santo António a pregar aos peixes,
Galegos, Santa Maria, séc. XXI, 1º lustro, alt. 31,7 cm

Mistério

S. Pedro, Galegos, Santa Maria,
séc. XX, 2ª metade, alt. 30 cm

nome – «MISTÉRIO». Só mais tarde é que o substituí pela assinatura das peças.

Entre o final dos anos sessenta e a data da sua morte, a 24 de Março de 1994, Domingos Gonçalves Lima dedicou-se a fazer figurado. Recordo-me (conheço a família Mistério desde 1983) de os ver, a ele e à Sr. Virgínia, sentados à mesma mesa – ele a modelar, ela a pintar – comungando o seu amor na vida e na obra. Sempre admirei este casal, de poucas palavras, mas unidos por um amor a que doze filhos davam o mote. Recordo-me também do olhar vivo do Sr. Domingos e do sorriso discreto que sempre lhe bailava nos lábios.

À volta da mesa de trabalho costumava também encontrar os filhos que hoje perpetuam o nome «Mistério»: o Manuel, nascido a 3 de Outubro de 1961, e o Francisco, nascido a 11 de Abril de 1964. Das raparigas, que ajudavam a mãe na pintura, recordo a Linda (Deolinda de seu nome, e que hoje vive na América com o marido) e a Dolores, a qual continua a viver na casa paterna mas que hoje pouco pinta. Nunca conheci o Agostinho mas lembro-me bem de o Sr. Domingos referir ser este perito em fazer ceias, peças que chegou a produzir durante algum tempo, em casa, e que depois trazia para a casa paterna para serem cozidas, pintadas e vendidas. As peças feitas pelo Agostinho eram assinadas – «AGOSTINHO MISTÉRIO», ou então «A M», quando fazia peças mais pequenas como, por exemplo, ouriços.

...a obra | O Sr. Domingos fazia uma enorme variedade de figurado²⁰, dando às peças o seu cunho muito pessoal. Diz a Sr.^a Virgínia que «era tudo a pegar à graça», ou seja, este procurava colocar em cada peça uma pitadinha de sátira. Lembrou-nos ela a «matança do porco» – com o porco pendurado e um homem de espingarda encostado a uma coluna a tomar conta do porco, não fosse ele fugir! Outras peças havia com igual graça – o «cagão da Pousa», a «mijona», a «adega de bêbados», a matrafona ou parteira... – no meio de outras de temática diversa: guarda-soleiro, berço, ciclista, galo, galo de flores, galo a galar, choca com pintos, pombal, papagaio, rei e rainha...

Mas o Sr. Domingos também fazia uma enorme quantidade de peças de temática religiosa: alminhas, grandes e pequenas; procissões; os Santos populares – Santo António, S. João e S. Pedro; N.^a Sr.^a da Piedade; Presépios – de varas, de cabana, de estrela, de ananás, de cabaça, de forno; ceias de mesa e, como não podia deixar de ser, o diabo, tendo-lhe mesmo criado uma companheira – a diaba.

O barro utilizado para fazer as peças sempre foi preparado em casa. Misturam-se duas qualidades de barro, o barro gordo e o barro magro. Hoje, o barro gordo vem de Mogofores (Aveiro) e o fraco, um caulino, de Barqueiros (Barcelos). Inicialmente compravam três a quatro carros de bois de barro e isso chegava para fazer loiça durante todo o Inverno. Durante muitos

anos o barro foi pisado dentro do aloque com o auxílio de uma junta de bois²¹. Hoje já não é assim. Os irmãos Mistério usam um amassador mecânico, o que torna muito mais fácil e rápida esta operação de preparação da pasta. Também houve mudança no processo de cozedura. Hoje, possuem dois fornos a gás – um pequeno e um grande – apesar de o velho forno a lenha ainda estar de pé e continuar a ser usado.

As peças são – eram, no tempo do Sr. Domingos e continuam a ser – pintadas pela Sr.^a Virgínia, que antigamente era auxiliada nesta tarefa pelas filhas. Inicialmente as tintas eram preparadas em casa. Compravam-se uns «poses», assim se expressa a Sr.^a Virgínia nas lojas de Galegos (S. Martinho), havendo-os de todas as cores, e com os quais faziam «uns vernizes». Para o efeito colocava-se ao lume resina para que derretesse. Depois de derretida tirava-se do lume e juntava-se aguarrás e um secante. Quando queriam fazer uma cor, pegavam num caquinho (que funcionava como recipiente) e juntavam a solução atrás descrita a um pó colorante, mexendo sempre até estar bem misturado. Diz a Sr.^a Virgínia que estas cores não eram boas. Se as peças apanhavam chuva, ficavam «melão», ou seja, ficavam borratadas e as cores já se não conheciam. Passaram, por isso, a usar tintas de marca, que compram em latas. Hoje, apenas o dourado e o cor-de-rosa continuam a ser feitos com «poses». O cor-de-rosa prepara-se do seguinte modo: dilui-se o



pó castanho (a anilina) mais o pó branco em aguardente ou álcool, e com esta solução se pintam as peças de cor-de-rosa. Esta cor é usada, por exemplo, nas blusas das mulheres e na figura do S. João. O dourado é preparado com verniz sintético, um pó colorante e gasolina.

...**E os filhos: Manuel e Francisco** | Depois do falecimento do Sr. Domingos, em 1994, os filhos Manuel e Francisco²², que sempre trabalharam com o pai, continuaram a sua obra. Diz a Sr.^a Virgínia que «tudo o que o Mingos fazia eles fazem». Trabalham na velha oficina, e é a Sr.^a Virgínia quem pinta a loiça. As peças continuam com o mesmo ar de família, mas, no dizer da Sr.^a Virgínia, os filhos presumem mais que o pai. O Sr. Domingos fazia «as caras mais toscas», não era tão cuidadoso com os pormenores. De facto, quem observar o Manel a fazer uma peça, pode reparar na minúcia com ele a aparelha, o rigor no pormenor dos olhos, na boca, na cauda do boi... Enfim, é quase um trabalho de miniaturista.

Mas, aos modelos do pai, os filhos acrescentaram muitos outros: fazem presépios diferentes, santos diferentes – por exemplo, Santo António a andar em diversos meios de transporte –, e diversas peças baseadas em médicos – dentistas, operações.

As peças são assinadas por eles: Manuel assina «MISTÉRIO FILHO M.» e Francisco assina «MISTÉRIO F F».

Queixam-se que o negócio anda fraco, o que os tem levado a ir, durante algumas temporadas, apanhar fruta para França²³. Já não fazem as feiras que o pai fazia, apesar de continuarem a fazer uma ou outra, como, por exemplo, a Feira de Artesanato de Barcelos. Dizem que o aluguer de espaço e a estadia por fora, não dá sequer para pagar o que por lá vendem. É principalmente à oficina que os fregueses lhes vêm comprar as peças.

E assim percorremos a vida de duas gerações de barristas – o Mistério pai, e os Mistério filhos. De facto é um mistério que se traduz em cinco pessoas – Domingos Gonçalves Lima e sua mulher Virgínia Coelho Esteves, mais os dois filhos – Manuel e Francisco que continuam a manter viva a arte do pai, renovando-a com as criações que entretanto foram produzindo.

Mistério Filhos: Manuel

S. Pedro, Galegos, Santa Maria, séc. XXI, 1º lustro, alt. 52,3 cm

S. João, Galegos, Santa Maria, séc. XXI, 1º lustro, alt. 52 cm

Santo António, Galegos, Santa Maria, séc. XXI, 1º lustro, alt. 50,2 cm





BIBLIOGRAFIA

**ROSA RAMALHO:
AS MINHAS MÃOS SÃO O NOSSO MUNDO**

Isabel Maria Fernandes

CORREIA, 1965
João Macedo Correia – As louças de Barcelos. Barcelos: Museu Regional de Cerâmica, 1965. (Cadernos de Etnografia; 4).

COSTA, 2002
Alexandre Alves Costa – Quando eram rudes e exilados. In Mestres artesãos do século. Lisboa: Ministério da Segurança Social e do Trabalho. IEFP, 2002. P. 7-11.

FERREIRA, 1984
José Maria Cabral Ferreira – Das feiras para artesanato ao figurado de Barcelos. In Figurado de Barcelos: a produção actual: exposição. Barcelos: Museu de Olaria, 1984. P. 5-11.

MENESES, 2001
João Paulo Meneses – Nomes de Rosa. In Cultus. Lisboa: Ministério da Segurança Social e do Trabalho. IEFP, 2001. P. 119-123.

PACHECO, 1994
Hélder Pacheco – Matosinhos: memória e coração da Feira da louça. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos, 1994.

RAMALHA, 1992
Rosa Ramalha – Falas, ditos, ditos, ditos pensados. Recolha e selecção de António Quadros. Lisboa: Ministério da Segurança Social e do Trabalho. IEFP, 1992.

**MISTÉRIO QUE SE TRADUZ EM DOMINGOS,
VIRGÍNIA, MANUEL E FRANCISCO**

Isabel Maria Fernandes

CORREIA, 1965
João Macedo Correia – As louças de Barcelos. Barcelos: Museu Regional de Cerâmica, 1965. (Cadernos de Etnografia; 4).

FERNANDES, 1997
Isabel Maria Fernandes – Júlio Alonso: um percurso pelo barro. In Encontro de Olaria Tradicional de Matosinhos: actas: 2. Matosinhos: Câmara Municipal, 1997. P. 60- 75.

FIGURADO, 1984
Figurado de Barcelos: a produção actual: exposição. Barcelos: Câmara Municipal de Barcelos. Museu de Olaria, 1984.

**FIGURADO DE GALEGOS: A VIDA DAS
FORMAS E AS FORMAS DE VIDA**

Angélica Lima Cruz

ARENDT, 1958
Hannah Arendt – The Human Condition. Chicago: University of Chicago Press, 1958.

AZEVEDO, 1997
Ana Maria Azevedo – Os Cantares Polifónicos das Mulheres do Baixo Minho e a Problemática da Transformação. [Texto policopiado]. Lisboa: Universidade Nova, 1990. Tese de Mestrado apresentada na Universidade Nova de Lisboa.

BEAUVOIR, 1978
Simone de Beauvoir - Le Deuxième Sexe. Paris: Gallimard, 1978.

BECKER, 1984
Howard Becker – Art Worlds. Berkeley: University of California Press, 1984. 1.ª ed., 1982.

BENJAMIN, 1992
Walter Benjamin – Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política. Lisboa: Relógio D'Água, 1992. 1.ª ed. 1928.

BENJAMIN, 1999
Walter Benjamin – Illuminations. London: Fontana Press, 1999. 1.ª ed. 1955.

BERGER, 1972
John Berger – Modos de Ver. Lisboa: Edições 70, 1972.

BERNIER, 2001
Isabelle Bernier – In the Shadow of Contemporary art. In Hilary Robinson (ed.) – Feminism: Art Theory: an Anthropology: 1968-2000. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. P. 41-48.

BERTAUX; BERTAUX-WIAME, 1993
Daniel Bertaux; Isabelle Bertaux-Wiame – Histórias de Vida del Ofício de Panadero. In José Miguel Marinas, e Cristina Santamarina (eds.) – La História Oral: Métodos e Experiências. Madrid: Debate, 1993.

BOURDIEU, 1999
Pierre Bourdieu – A Dominação Masculina. Oeiras: Celta Editora, 1999.

CABRAL, 1989
J. Pina Cabral – Filhos de Adão Filhas de Eva. Lisboa: D. Quixote, 1989.